

17 FEV 1991

JORNAL DE BRASÍLIA

Como a negociação da dívida externa afeta o brasileiro

Márcia Pinheiro
da Dinheiro Vivo

Desde a semana passada, Jório Dauster, embaixador extraordinário para a dívida externa brasileira, está às voltas com o comitê dos bancos credores, em Nova Iorque. Em 4 de março próximo, o Brasil hospedará missão do Fundo Monetário Internacional (FMI) para uma nova rodada de conversações sobre o desempenho da economia do País.

Toda vez que isso acontece, aqui e ali ouvem-se discursos inflamados sobre nossa capacidade de pagamento. Mas para o homem comum, fica uma sensação de irrealidade. Parece que, independentemente do que aqueles senhores síndicos decidirem, sua vida continuará como antes. Enfim, dá de ombros e se pergunta: "O que é que eu tenho a ver com isto?"

Tem, e muito. Uma postura equivocada nas negociações com os credores pode gerar inflação e desemprego, piorar a qualidade dos

serviços públicos e acentuar o péssimo quadro de distribuição de renda nacional, adiando para um futuro remoto a adoção de uma política de bem-estar social. Portanto, como e quanto pagar é uma decisão que mexe com todos, de assalariado a empresário.

Para entender os porquês do peso da negociação da dívida externa, é preciso ter em mente um conceito fundamental: Balanço de Pagamentos.

Cada remessa de dólares deve ser bem dosada, para que não provoque crise no Balanço de Pagamentos nacional. O BP é composto por várias contas, destacando-se: balança comercial que contabiliza exportações versus importações; serviços (onde são anotadas todas receitas/despesas envolvendo lucros, juros e dividendos que entram/saem do País); e capitais (que computam os investimentos de estrangeiros aqui, assim como de brasileiros lá fora).

O estrangulamento no Balanço de Pagamentos é provocado por dé-

ficits nestas contas, o que achata as reservas brasileiras em moeda forte. E não é possível ter intercâmbio com o exterior sem dispor do dólar. Só para citar os itens mais visíveis, torna-se impossível importar petróleo, matérias-primas químicas, bens de capital e alimentos.

A medida em que diminui este saldo em moeda estrangeira, o País tem que ser mais parcimonioso nas suas compras. E, no limite, podem ser comprometidos o abastecimento interno e investimentos em infra-estrutura. Aqui, já é possível apontar os primeiros efeitos que a população sentiria com uma estratégia errônea junto aos credores, através de um pagamento acima das possibilidades:

a) recrudescimento da inflação, porque a produção nacional não seria suficiente para atender à demanda interna;

b) desemprego, pois a falta de insumos importados implica menor produção aqui, com reflexo negativo direto no mercado de trabalho.